



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES



Prof-Artes
Mestrado Profissional em Artes

ELAINE CAMARGOS DA SILVA

LITERATURA INFANTIL:
CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO LINGUAGEM ARTÍSTICA E A PRÁTICA
PEDAGÓGICA EM SALA DE AULA

UBERLÂNDIA-MG

2020

ELAINE CAMARGOS DA SILVA

LITERATURA INFANTIL:
CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO LINGUAGEM ARTÍSTICA E A
PRÁTICA PEDAGÓGICA EM SALA DE AULA

Artigo apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Artes, da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Artes.

Área de concentração: Ensino de Artes.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vilma Campos Leite.

Uberlândia-MG

2020

**LITERATURA INFANTIL:
CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO LINGUAGEM ARTÍSTICA E A
PRÁTICA PEDAGÓGICA EM SALA DE AULA**

Artigo aprovado para a obtenção do título de
Mestre em Artes no Programa de Mestrado
Profissional em Artes da Universidade Federal de
Uberlândia pela banca examinadora formada por:

Uberlândia, ____ / ____ / 2020.

Prof.^a Dr.^a Vilma Campos Leite, UFU/MG

Prof.^a Dr.^a Ana Elvira Wuo, UFU/MG

Prof. Dr. Getúlio Góis de Araújo, ESEBA/MG

Literatura infantil: contação de histórias como linguagem artística e a prática pedagógica em sala de aula

ELAINE CAMARGOS DA SILVA¹

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vilma Campos Leite²

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Resumo

O presente artigo refere-se à pesquisa de mestrado profissional desenvolvida junto com crianças inseridas em sala comum da alfabetização, 2º ano do Ensino Fundamental, em uma escola da Rede Municipal de Ensino de Uberlândia, durante o ano de 2019. Pelo fato de atuar há muitos anos como professora regente e de Literatura e Linguagem, com ênfase em contação de histórias, observei, durante as práticas pedagógicas, a importância da linguagem artística como elemento fundamental no momento de contar histórias. Sendo a literatura infantil um instigador, provocador de uma aprendizagem significativa em sala de aula, detive-me a ela enquanto linguagem artística na prática pedagógica do professor. Para esta pesquisa, iniciei por um estudo teórico, em diálogo com vários autores e materiais de referência, que ofereceram suporte no decorrer da ação pedagógica. Como norteamento, houve o momento de contar histórias e a prática pedagógica envolvendo crianças e professora, em interface com a linguagem artística na área da arte cênica, da arte visual e da música. São linguagens artísticas primordiais para o desenvolvimento das habilidades, como: imaginação, criatividade, ludicidade, autonomia. Elas, muitas vezes, estão esquecidas ou pouco valorizadas no contexto escolar, e a contação de histórias é uma prática pedagógica que proporcionará o desenvolvimento dessas habilidades de forma prazerosa.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Contação de histórias. Prática Pedagógica.

¹ Mestranda no Programa de Mestrado Profissional em Artes da Universidade Federal de Uberlândia. Graduada em Serviço Social (UNITRI) e Pedagogia (UFU). Especialista na área da violência doméstica contra crianças e adolescentes pelo Instituto de Psicologia (USP). Especialista em Psicopedagogia pelo Instituto de Educação (UFU). Professora das séries iniciais da Rede Municipal de Ensino de Uberlândia-MG.

² Pós-doutora do Instituto de Artes da Unicamp, doutora pelo Instituto de História (UFU) e mestre pela escola de Comunicações e Artes (USP). Professora do Mestrado Profissional e Acadêmico em Artes (UFU). Aposentada do curso de Graduação em Artes Cênicas (UFU).

Children's literature: storytelling as artistic language and pedagogical practice in the classroom

Abstract

This article refers to the professional master's research carried out with children inserted in a common literacy room, from the 2nd year of elementary school, in a school in the Municipal Education Network of Uberlândia, during 2019. Due to the fact that I have been working as a regent teacher and Literature and Language teacher for many years, with an emphasis on storytelling, I observed, during pedagogical practices, the importance of artistic language as a fundamental element when telling stories. As children's literature is an instigator, provoking meaningful learning in the classroom, I focused on it as an artistic language in the teacher's pedagogical practice. For this research, I started with a theoretical study, in dialogue with several authors and reference materials, which offered support during the pedagogical action. As a guideline, there was the time to tell stories and pedagogical practice involving children and teacher, in interface with artistic language in the area of scenic art, visual art and music. They are fundamental artistic languages for the development of skills, such as: imagination, creativity, playfulness, autonomy. They are often overlooked or little valued in the school context, and storytelling is a pedagogical practice that will provide the development of these skills in a pleasant way.

Keywords: Children's literature. Storytelling. Pedagogical Practice.

INTRODUÇÃO

Início contextualizando brevemente minha trajetória no campo da Educação. Cursei o Ensino Médio, na época chamado de 2º Grau. Era um curso técnico de Magistério que terminei no ano de 1988. Em 1990, tive a minha primeira experiência como professora de educação básica, em uma escola estadual da cidade de Uberlândia-MG. Após alguns anos, prestei vestibular para Serviço Social e Pedagogia e ingressei, via concurso público, como professora das séries iniciais do Ensino Fundamental na Rede Municipal de Ensino.

Escolhi ser professora por acreditar na educação como processo contínuo, fundamental para a humanização e a socialização do ser humano, além de ter o papel de transformar a sociedade com justiça social e democracia. Atualmente, possuo dois cargos na função de professora nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

O meu contato ministrando a disciplina de Literatura e Linguagem teve início com um projeto da Secretaria Municipal de Educação de implementar a disciplina na rede com o objetivo de atender à proposta curricular do município. Comecei minha atuação como professora de Literatura focando os gêneros textuais, tais como fábulas, poesias, receitas, música, dentre outros. Além disso, inseri a contação de histórias, pois sabia que seria um diferencial na minha atuação profissional.

Para mim, a literatura infantil tem uma grande contribuição no processo educacional, e a contação de histórias, por sua vez, traz para o ambiente escolar novas descobertas e novas formas de aprendizagem, que vão além da leitura de um livro. Para Coelho (2000, p. 10), “a literatura é a mais importante das artes, pois a sua matéria é a palavra (o pensamento, as ideias, a imaginação)”, e é exatamente o que distingue ou define a especificidade do humano.

Também é pertinente ressaltar que a arte de contar histórias, da maneira como abordo, está dentro da perspectiva da oralidade, da expressividade e da teatralidade. Meu objetivo é analisar e refletir esse ato como linguagem artística que contribui para a minha prática pedagógica e como a literatura infantil instiga o aluno a uma aprendizagem significativa em sala de aula.

Propiciar a vivência com a contação de histórias na sala de aula parece-me extremamente importante, especialmente porque vivemos em um momento em que as tecnologias e a mídia estão cada vez mais acessíveis e presentes na vida das crianças. As informações chegam pelos meios de

comunicação, ampliando novos horizontes e conhecimentos. Os momentos prazerosos de descobertas por meio da literatura infantil com a abordagem da contação de histórias estão sendo esquecidos.

Desde os tempos remotos, até os dias atuais, a necessidade de exprimir os sentidos da vida, buscar explicações para nossas inquietações, dúvidas e transmitir valores de avós para netos têm sido a força que impulsiona o ato de contar, ouvir e recontar. Contar histórias é uma forma de o homem dar continuidade à sua cultura, às suas descobertas.

Tenho percebido que, antigamente, a contação de histórias era vista apenas como distração para as crianças e, hoje, dentro do espaço escolar, parece ser oportuno o contador de histórias ressurgir como uma possibilidade de recurso pedagógico. Segundo para alguns estudiosos, a contação de histórias é um importante auxílio à prática pedagógica dos professores na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

É ouvindo histórias que se pode descobrir o mundo imenso de conflitos e soluções, sentir novas e diferentes emoções, novas experiências, formar opiniões, conceitos e novos valores, contribuindo também para a formação da personalidade da criança, envolvendo o social, o afetivo e o processo ensino-aprendizagem.

O ato de contar histórias é possível em todas as fases do desenvolvimento do ser humano, e o processo de ouvir e contar histórias, permeia por dois momentos que estão interligados, pois, o ato de ouvir atribui o sentido do que é falado e escutado.

Em “O sentido dos Sentidos: a educação (do) sensível”, Duarte (2004, p.218) afirma que: “o saber o conhecimento, precisa ter sua origem na sensibilidade, esteio de todos os conhecimentos construídos por nós.” Concordo com o autor, já que a sensibilidade faz parte do nosso eu e quando pensamos o sentido do ouvir dentro do contexto escolar, diretamente relacionamos com o processo da aprendizagem, mas ouvir vai além do que é exigido pela escola, onde a forma de verificar o que as crianças aprenderam está no processo de avaliações escritas.

Tendo em mente que ouvir faz parte dos cinco sentidos inerentes ao ser humano, é preciso lembrar que, no momento de contar histórias, o sentido do ouvir está muito aguçado nas crianças devido a própria prática pedagógica que trabalha com as emoções, a afetividade³, a imaginação.

³ Essa palavra será mencionada muitas vezes no texto, tendo um papel preponderante na pesquisa e será conceituada no tópico 3.

A capacidade de ouvir está se perdendo no tempo e no espaço; o professor, por sua vez, tem um objetivo, uma meta que é transmitir conhecimento curricular aos seus alunos, num processo que, muitas vezes, acaba se tornando mecânico e automático, que o próprio sistema cobra do profissional.

E nas séries iniciais, pela minha experiência, esse processo não é diferente: o foco está no processo da alfabetização e domínio de cálculos, raciocínio lógico na matemática. Então, esse momento de ouvir se restringe à rotina da sala de aula, e a contação de histórias como prática pedagógica vem contribuir com o processo ensino-aprendizagem, conseguindo dar um novo ressignificado ao sentido do ouvir no ambiente escolar.

Assim, o momento de contar histórias atravessa o sentido em que o professor/contador ou contador de histórias está conectado com a oportunidade de expressar a história, de exercitar o outro a ouvir, pois o processo de escuta ativa é muito importante para que haja uma conectividade entre a história contada e o ouvinte, no caso a criança. Sabendo que a criança na faixa etária dos 7 aos 8 anos (faixa etária que faz parte da minha pesquisa) são curiosas, estão prontas para descobrir o mundo da leitura, da escrita, dos sentimentos e, principalmente, viver o sentido mais amplo da afetividade que a contação de histórias proporciona, novas descobertas no campo da visão de mundo, que pode ser construído a partir de uma história, são momentos únicos, que acontecem no presente aqui e agora.

O vivenciar e compartilhar também corresponde ao ouvir e significar o que é falado e escutado, e relaciona a própria função social e cultural que cada professor/contador ou contador de histórias assume.

O caminhar da minha experiência como professora e a contação de histórias no Ensino Fundamental vem ao encontro do que acredito que deve nortear o processo de ensino e aprendizagem em sala de aula: não devemos olhar para nossos alunos apenas como crianças que estão inseridas no contexto escolar, onde um foco está muito presente – o de cumprir com o currículo, processo importante para o sucesso escolar –, mas percebo a necessidade de que outros sentidos estejam presentes neste contexto, como o saber ouvir, a afetividade e a troca de experiências.

Lembrando que cada experiência vivenciada no momento da contação de histórias é muito gratificante, uma vez que este é um momento de trocar experiências com os alunos de forma linear,

onde passo a ter um papel de mediadora do conhecimento, podendo ter a oportunidade de enxergar esta criança como um ser holístico, um ser integral, que não está no espaço escolar apenas para cursar um ano ou uma série, mas para viver experiências que vão além do caderno e livro.

Para mim, viver esse momento até mesmo de descobertas, por meio da contação de histórias com as crianças, oportuniza-me a refletir sobre minha prática pedagógica e me torna ainda um ser humano mais consciente do meu papel como educadora.

As linguagens artísticas também começam a ocupar seu espaço na rotina da escola e a contação de histórias é uma dessas linguagens. Então, decidi viver esta experiência por acreditar na importância de trabalhar a contação de histórias permeando pelo campo das artes como o teatro, a música e as artes visuais.

É uma vivência tão significativa para o processo de aprendizagem da criança que está em busca de novos desafios e descobertas, e a escola pode ser parte desse universo.

Considero que contar histórias para as crianças desde a mais tenra idade desenvolve o gosto pela leitura, além de proporcionar uma aprendizagem mais prazerosa e lúdica. Concordo com Abramovich (1997, p. 23) ao afirmar que “o ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra)”.

1. UMA BREVE VISÃO HISTORIOGRÁFICA SOBRE A LITERATURA INFANTIL

A infância como etapa de vida não foi sempre vista com a concepção que temos hoje. Houve um tempo da história em que a criança não era reconhecida com as suas particularidades, como um ser social e, diante das suas especificidades, ela era um ser invisível.

O autor Phillippe Ariès, que publicou a obra “História Social da Criança e da Família” em 1960, foi considerado um pioneiro em seus estudos e pesquisas, trazendo como conceito o sentimento de infância, em que a criança, por sua ingenuidade, gentileza e graça, torna-se uma fonte de distração e relaxamento para o adulto (1981).

As crianças eram muito dependentes dos pais ou da ama e introduzidas no mundo do adulto, onde participavam de tudo que acontecia naquele momento. Eram vistas como um adulto em miniatura nesse universo social.

Atualmente, a situação não mudou tanto assim: percebe-se que a criança vive a sua infância muitas vezes no mundo virtual, fazendo uso de jogos e programas, relegando brincadeiras mais tradicionais, como por exemplo, brincadeira de roda, a segundo plano. A maioria das crianças desconhece esse universo e a própria escola não resgata brincadeiras com música ou dança, como prática pedagógica rica para a aprendizagem e fazendo parte das experiências vividas na infância.

Assim como o conceito de infância, a existência de uma literatura direcionada para esse público é bem recente na história da humanidade e, com a ascensão da classe burguesa em contrapartida ao enfraquecimento da sociedade aristocrata, latifundiária, bem como a transformação na forma de conceber a infância com a própria reorganização da escola, foram elaborados textos voltados para as crianças.

Há livros destinados ao público infantil que vêm tendo o intuito educativo e moralizador. Mas, para além disso, é possível reconhecer na literatura infantil o desenvolvimento da criatividade que representa a vida, o mundo e a realidade. Ela pode enriquecer a imaginação da criança, oferecer-lhe oportunidade de criar, ensinando-lhe a se libertar pelo espírito, levando-a a usar o raciocínio, a cultivar a liberdade e contribuir para que tenha respostas criativas, desenvolvendo novas habilidades e o processo ensino-aprendizagem. Divide-se a literatura infantil em dois momentos: a escrita e a lendária.

A história lendária nasceu da necessidade das mães de se comunicarem com os seus filhos, de contar apenas aquilo que os rodeavam; nada era escrito ou registrado. Os primeiros livros infantis surgiram no século XVII, quando foram registradas de forma escrita as histórias contadas oralmente. Alguns autores marcaram época com suas obras que são lembradas e contadas até hoje, como Perrault, entre os anos de 1628 e 1703, com os títulos “Mamãe Gansa”, “Cinderela”, “O gato de Botas”, por exemplo.

Diante desse contexto, a seguir faço uma breve abordagem sobre a historiografia da literatura, onde busco fazer uma rápida contextualização da literatura infantil brasileira, por entender que ela tem um papel significativo e grande contribuição para a minha prática pedagógica utilizando a contação de histórias como uma ferramenta.

1.2 A historiografia da literatura infantil brasileira

No Brasil, os primeiros exemplares de livros infantis datam do início do século XIX. Com a implantação da Imprensa Régia, em 1808, surgem as primeiras publicações destinadas ao público infantil, voltadas às traduções de livros europeus.

A literatura infantil brasileira apareceu tarde, pouco antes da virada para o século XX, permanecendo muito tempo sob o domínio europeu. Nesse período podemos destacar, no século XIX, o livro “Contos Infantis” (1896), de Júlia de Almeida e Adelina Lopes Vieira. Já no século XX, Olavo Bilac e Coelho Neto, que editam seus contos “Pátrios” (1904).

É relevante lembrar o célebre Monteiro Lobato, cuja obra mais importante indubitavelmente foi “O Sítio do Pica-Pau Amarelo”. Nela, seus personagens permeiam o imaginário de crianças e adultos. Esse autor de Taubaté foi o responsável por abrir as portas da literatura infantil e o que mais criou obras para crianças. Há aspectos que são questionáveis hoje⁴, mas não podemos ser anacrônicos, e o que considero aqui é que foi um autor que relatou o Brasil a partir do olhar da sua época, não estando isento de valores, comportamentos e organização política.

Monteiro Lobato é ainda um pioneiro da literatura infantil pelo aspecto crítico, já que se preocupava em debater temas públicos, normalmente do mundo dos adultos, de forma a serem apreendidos pelas crianças. Seu trabalho está relacionado com a fantasia/realidade e o uso da linguagem coloquial bem característica da infância (invenção de palavras).

Ziberman (2003) afirma que os ideais burgueses estavam ligados à ascensão da indústria e, por isso, foi imposta uma pedagogia controladora para cumprir as expectativas burguesas em relação aos novos modos de produção. Ainda de acordo com a autora:

A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções. Literatura Infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocados a cumprir a missão. (ZIBERMAN, 2003, p. 15).

⁴ Como, por exemplo, aspectos racistas presentes nas personagens.

Entendo que a autora quer dizer que a valorização da infância foi importante para o novo olhar sobre a literatura infantil e a própria contribuição para o desenvolvimento das crianças no aspecto cognitivo e emocional.

Em relação à literatura infantil, Ziberman considera que, em seus primórdios, ela foi compreendida como ligada ao campo da pedagogia e não vista como arte, já que para muitos estudiosos a literatura não era valorizada como arte por ter uma finalidade didática.

Existe, ainda hoje, dentro do espaço escolar, um pragmatismo para que a literatura seja apenas uma disciplina para cumprir sua missão didática, esquecendo que ela não pode ficar restrita apenas à leitura e à interpretação de textos literários; a sua grandeza enquanto conhecimento e aprendizagem vai além do conteúdo a ser trabalhado pelo professor.

Para Coelho (2000 p. 9), “a literatura infantil começou a ser pensada no final dos anos 1970, em meio à efervescência dos debates (Congressos, Seminários, Simpósios Nacionais e Internacionais) em torno da literatura destinada às crianças e sua importância como formadora das mentes infantis”. Nessa década, a produção literária expande o mercado consumidor dos livros infantis, e a literatura tem a preocupação em trazer uma reflexão crítica e linguagem inovadora. E, hoje, já percebo um olhar diferenciado para a literatura, valorizando-a como arte devido às experiências, vivências sensoriais e estéticas, mas obviamente também oportunizam relações de aprendizagem, entre ela e o outro e o mundo, de forma dinâmica e harmoniosa.

Há autoras que, atualmente, continuam com a preocupação em produzir obras com a mesma reflexão crítica dos anos 1970. São elas: Ana Maria Machado, Ruth Rocha e Lygia Bojunga, dentre outras. Como resultado de todo o processo histórico, a literatura infantil vem ocupando espaços por meio da contação de histórias, mesmo sabendo que essa prática é uma das mais antigas atividades da humanidade.

A literatura infantil busca ocupar espaços tanto no âmbito escolar como no próprio meio social. Temos os contadores de histórias, professores, que desempenham um papel importante para a sociedade, e as próprias crianças, dentro do contexto da história a ser contada, podem se identificar com ela e expandir seus horizontes. É necessário ressaltar a importância da construção do processo de afetividade no momento da prática pedagógica e a abordarei no próximo tópico, considerando a sua contribuição para o processo de ensino e aprendizagem.

2. A AFETIVIDADE PRESENTE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Ao falar sobre afetividade, não posso deixar de ressaltar alguns estudiosos como Jean Piaget, Henri Wallon e Lev Vygotsky, pois eles a consideram com relevância no campo pedagógico.

A relação entre professor e aluno é primordial para o processo ensino-aprendizagem em sala de aula, em especial a inclusão da afetividade, já que por meio dela é possível destacar a oportunidade de uma aprendizagem significativa. Lembro que trabalhar emoções, sentimentos como exercício de aprendizado entre professor e aluno são elos primordiais para a construção desse sujeito.

A teoria psicogênica de Jean Piaget (1982) revela uma interação entre o indivíduo e o mundo exterior, sendo este processo pelo qual se dá o desenvolvimento intelectual do sujeito, enquanto a teoria de Wallon (1995) busca compreender o psiquismo humano, voltando a sua atenção para a criança, uma vez que é por intermédio dela que é possível ter acesso aos processos psíquicos, e o sujeito constrói sua relação com o meio. As manifestações iniciais de uma criança assumem uma conexão de diálogo entre ele e o outro.

De acordo com Wallon e Piaget, a afetividade permeia vários estágios da vida de uma pessoa e é considerada indispensável ao desenvolvimento humano, ou seja, é um elemento intrínseco na formação do sujeito como ser integral.

Segundo Henri Wallon, “não é possível dissociar na pessoa qualquer um dos conjuntos funcionais (inteligência, afetividade ou ato motor), pois a criança é considerada como um todo que continua a se desenvolver” (MENDES, 2017, p. 55).

É ainda dialogando com os estudiosos Wallon e Piaget que insisto no conceito relevante que para os dois autores a afetividade pode ser reconhecida de três maneiras diferentes (da emoção, do sentimento e da paixão). A emoção, como primeira forma de afetividade, tem uma ativação orgânica, não controlada pela razão, já o sentimento, para os estudiosos, possui uma relação com o cognitivo, enquanto a emoção é mais expressiva.

Continuando com a reflexão sobre a afetividade destaco também a importância de Lev Vygotsky (2007) que afirma, com suas pesquisas e estudos, que por meio da interação com os outros a criança incorpora instrumentos culturais, destacando a importância das interações sociais.

Após essa breve introdução sobre afetividade, concebo e valorizo as relações construídas com afeto no decorrer da minha prática pedagógica.

De acordo com Freire (2002, p. 25), “... quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado”. Assim, afirma a necessidade de uma educação global, permeando o completo desenvolvimento do ser humano e a compreensão do docente de que o processo de ensino e aprendizagem não está apenas centrado no conhecimento do professor, mas deve ser construído e produzido a partir da interação deste com o educando. Portanto, a criança deve ser estimulada em todas as habilidades, enquanto o professor deve estar consciente de que ensinar é uma especificidade humana, não é apenas transferir conhecimento.

A relação professor-aluno depende, especificamente do clima estabelecido pelo professor, da relação de empatia, de afetividade construídas com as crianças, exercendo a capacidade de ouvir, refletir, são reflexões que o professor deve fazer acerca de sua práxis.

Percebo a contribuição da afetividade como uma mola instigadora da relação professor e aluno, especificando a minha área de atuação, a literatura infantil com ênfase na contação de histórias, considerando uma prática pedagógica muito rica e ao mesmo tempo desafiadora, a relação de carinho e afeto que vai sendo vivido no momento de contar histórias.

Segundo Busatto (2012, p. 45-46), “contar histórias mantém a História viva, para sentir vivo, para encantar e sensibilizar o ouvinte, para estimular o imaginário, articular o sensível, tocar o coração”. E é neste tocar o coração que acredito, como professora, que ao contar uma história o coração de cada criança é tocado com a arte, aprendizagem, sensibilidade e afetividade.

Ao narrar uma história, doamos o nosso afeto, carinho, com o nosso coração, pois, a afetividade tem um papel primordial no sucesso escolar dos nossos alunos. No tópico posterior, abordarei sobre a contação de histórias e os desafios do papel da escola na atualidade, pois vivemos momentos de transformações nas relações sociais e na própria sociedade.

3. A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E OS DESAFIOS DO PAPEL DA ESCOLA NA ATUALIDADE

Como a minha opção de trabalhar com a contação de histórias se dá no âmbito da sala de aula, acho relevante desenvolver este item, em que procuro refletir sobre alguns desafios da educação no ambiente escolar e a importância da prática pedagógica de contar histórias onde nós professores estamos inseridos. Para Freire, “o educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão” (FREIRE, 2002, p. 28).

Concordo com Freire, porque nossa prática docente está conectada com nossa capacidade de instigar o aluno a buscar novos desafios, novos conhecimentos.

De tal modo, a educação é um processo que envolve valores, transmissão e construção das relações sociais, cuja pedra fundamental é a curiosidade do ser humano considerando um pilar importante em busca do conhecimento, da aprendizagem significativa.

Para Freire (2002, p. 85), “O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar”. Então para aguçar este pilar da curiosidade, devemos repensar diariamente a nossa prática pedagógica, buscando inovar com recursos didáticos que façam com que a criança desperte seu interesse pela aula, já que a escola tem a sua rotina muitas vezes engessada, na qual o professor acaba sendo refém de um sistema educacional geralmente tradicional, onde o professor apenas transmite conhecimento e o aluno é um mero ouvinte.

Estamos imersos em uma sociedade cada vez mais globalizada, o que reflete em um constante repensar da escola, em termos conceituais. Qual é o papel e a função da educação? O que é conhecimento? O que é aprendizagem? Entre tantas outras implica, também, em refletir sobre a importância de replanejar a dinâmica de ensino e aprendizagem que se dá no interior da sala de aula, pois vivemos grandes desafios diariamente nas escolas, tais como salas de aulas cheias, falta de material pedagógico e espaço físico inadequado, para citar alguns.

Considerando esse contexto, creio ser importante a inserção que proponho da contação de histórias no âmbito escolar e concordo com Moran (2011, p. 15) quando afirma que “o nosso maior desafio é caminhar para um ensino e uma educação de qualidade que interage todas as dimensões

do ser humano”, correspondendo a um olhar para um ser holístico, integral, (aspecto cognitivo, afetivo e social).

Como afirma Morin (s./d.) na revista eletrônica “Prosa, Verso e Arte”, “A educação é uma das dimensões essenciais na evolução do ser humano, deve ser um despertar para a filosofia, para a literatura, para a música”. Esse é o seu verdadeiro papel. É assim que espero a educação no processo ensino-aprendizagem, inserindo a condição humana com base na razão, sem esquecer a afetividade. Nessas condições, cria-se uma nova consciência humana, solidária, no ensino da ética que irá ajudar o homem a construir o seu caminho perante a sociedade.

Conforme consta no Artigo 205 da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), “A educação direito de todos e dever do Estado e da Família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. A educação, portanto, é um direito constitucionalmente assegurado a todos, inerente à dignidade humana, bem maior do homem. Em relação a isso, o Estado tem o dever de oferecer condições para o seu pleno exercício.

Todavia, pensar na educação na atualidade transcende o campo teórico porque, na prática, ainda encontramos dificuldades, como, por exemplo, no processo de alfabetização, em que as nossas crianças, em sua grande maioria, estão chegando ao final do 3º ano do Ensino Fundamental sem saber ler nem escrever com autonomia.

Portanto, as dificuldades enfrentadas pela educação com a alfabetização são agravadas tanto pelo passado (a herança do analfabetismo e das desigualdades sociais), quanto pelo presente (os conceitos de alfabetização e das expectativas da sociedade). A alfabetização não é um processo de memorização; o aluno precisa construir um conhecimento de natureza. Não só o que a escrita representa, mas também de que forma ela representa graficamente a linguagem.

Contar histórias pode contribuir de forma significativa para que as crianças desenvolvam outras habilidades que irão somar na aprendizagem da leitura e da escrita.

Considerando a escola como um local designado para a socialização do saber, nasce da necessidade de preservação e propagação da cultura humana, e ao longo do tempo vem se transformando, assumindo novas possibilidades e novos desafios. A pedagogia segundo Freire revela uma preocupação com as relações que ocorrem nas escolas como sendo um ambiente

próprio de aprendizagem em que a relação professor-aluno é permeada pela afetividade e o diálogo.

A escola, na concepção freiriana, é.⁵ “[...] o lugar que faz amigos. Não se trata só de prédios, sala, quadra, programas, horários, conceitos. Escola é sobretudo gente... gente que trabalha, que estuda, que alegra se conhecer, se estimar...”.

Ao escrever a poesia “A escola é”, Freire traduz, de forma poética, a ideia de uma escola defendida em seus livros e chama a atenção para a importância da felicidade nesse ambiente composto principalmente por gente. De acordo com Gadotti (2007, p. 11), Freire deve ser lembrado como uma pessoa que sempre falava bem da escola, já que considerava como “um lugar bonito, um lugar cheio de vida”, independente se tem condições de trabalho ou não, pois, mesmo faltando tudo, nela o essencial continuaria a existir, qual seja: gente.

A educação é um processo contínuo fundamental para a humanização e a socialização do homem, e a escola é um espaço de aprendizagem essencial nesse contexto. Acredito que as expressões artísticas apresentam possibilidades infinitas nessa esfera, na qual é importante compreender a contação de histórias como uma ação que se fortalece no espaço escolar com auxílio de outras artes, como as artes cênicas e as artes visuais. Infelizmente, só na Educação Infantil nos deparamos com a prática da contação de histórias como uma ação diária na sua rotina pedagógica, quando essa prática deveria ser estendida para todos os níveis da educação.

Podemos considerar um dos papéis primordiais da escola o de proporcionar a todas as crianças, jovens e adultos – independente de classe social, raça, cultura, religião, crença – uma educação capaz de garantir saberes que são fundamentais para sua vida. Na primeira metade do Ensino Fundamental (do 1º ao 5º ano) percebo, com a experiência de anos, que ocorre um processo de ruptura com a práxis pedagógica da contação de histórias, perdendo-se a oportunidade de conhecer novas experiências. A ação docente de contar histórias proporciona momentos de alegria e curiosidade, experimentando um mundo imaginário, lúdico e criativo, por isso considero um caminho a ser trilhado para o desenvolvimento do gosto artístico no universo escolar.

⁵ Poesia de Paulo Freire. Disponível em: <http://www.cascavel.pr.gov.br/arquivos/07082015_poema_a_escola.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2020.

A escola deve ser uma facilitadora para a expressão dos sentimentos, um espaço de reflexões que permeiam a sala de aula e se refletem fora do ambiente escolar. Em suma, um espaço de construção e reconstrução de conhecimento.

4. PROCEDIMENTOS METODÓLOGICOS E O CAMINHAR DA MINHA PRÁXIS PEDAGÓGICA NO CAMPO DA LITERATURA: UMA REFLEXÃO PEDAGÓGICA

Esta pesquisa caracteriza-se pela abordagem qualitativa, tendo como metodologia a fenomenologia, que destaca “a importância do sujeito no processo da construção do conhecimento” (TRIVIÑOS, 1987, p. 48). O procedimento utilizado foi a pesquisa-ação, pois existe um envolvimento direto da pesquisadora com o objeto, ocorrido por meio da observação, do envolvimento e da descrição de várias ações propostas e realizadas com crianças e a prática pedagógica da contação de histórias.

A pesquisa-ação consiste em um trabalho que envolve a colaboração e a participação ativa e constante de todos os envolvidos no processo:

Um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores representativos da situação do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativos. (THIOLLENT, 2008, p. 14)

O trabalho empírico foi realizado na Escola Municipal “Inspetora France Abadia Machado Santana”, situada na rua Laurindo Fonseca e Silva nº 144, no bairro Jardim Patrícia, em Uberlândia-MG, em uma sala regular, ao longo do ano de 2019, onde trabalho como professora regente e de Literatura e Linguagem com crianças do 2º ano do Ensino Fundamental, ciclo da alfabetização. Os dados foram construídos a partir de ações realizadas com a prática pedagógica da contação de histórias. Fotos, filmagens e diário de bordo foram utilizados para registrar a experiência, sobretudo a parte do desenvolvimento da pesquisa-ação.

As ações começaram com a escolha das autoras. Detive-me à escolha de Ruth Rocha⁶ e Malu Gouvêa⁷, pois ambas escrevem histórias significativas para crianças nessa faixa etária. Com

⁶ Ruth Rocha, autora infanto-juvenil reconhecida nacionalmente e internacionalmente.

⁷ Malu Gouvêa é autora infanto-juvenil da cidade de Uberlândia. Inclusive o nome da biblioteca da escola que trabalho é em homenagem a escritora

relação à Malu Gouvêa, destaco que reside em Uberlândia-MG e desenvolve trabalho de divulgação de suas obras literárias nas escolas da cidade.

Antes de adentrar a parte prática do meu trabalho, gostaria de retomar um pouco mais as referências que destacam a importância da contação de histórias no contexto escolar. O início da minha caminhada frente à minha prática pedagógica, como professora de Literatura e Linguagem, ocorreu devido a muitas leituras e diálogos com autores diante da minha proposta do artigo para o Mestrado Profissional em Artes, no qual estou inserida.

Assim, ao preparar as contações de histórias para os meus alunos, realizei-as de acordo com Rodrigues (2005, p. 7-8), “como atividade própria de incentivo à imaginação, transitando entre o fictício e o real”. Tomei a experiência como narradora e de cada personagem como minha e ampliei, juntamente com os meus alunos, a experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializaram em minha ação na vida real.

Compreendi a contação de histórias como portadora de significados para a prática pedagógica e que não se limitou somente ao papel de entendimento da linguagem. Procurei preservar seu caráter literário, despertando a imaginação, a criatividade e a ludicidade.

Para minha práxis, dialoguei ainda com Machado, ao afirmar que a intenção é o que move e dá sentido à experiência de contar. Também senti que o ritmo foi dando vida e verdade pessoal a essa experiência; a técnica foi o domínio do instrumental que permitiu a atualização da intenção e do ritmo, combinando recursos internos e externos. Concordo com a análise da autora porque ritmo, técnica e intenção foram recursos necessários para desenvolver um bom trabalho ao contar histórias.

As ações da minha práxis pedagógica para esta pesquisa foram realizadas no ambiente da sala de aula. Elas aconteceram entre os meses de abril e junho de 2019, quando iniciei o preparo das aulas selecionando livros das autoras que são referência para a minha pesquisa, com a intenção de contar histórias que fossem capazes de instigar as crianças a terem momentos de reflexão e criticidade. Para tanto, fui realizando a leitura dos livros e analisando cada história a ser trabalhada.

A escolha do livro de Ruth Rocha, “Romeu e Julieta”, ocorreu devido à importância da história, que fala sobre o preconceito e as diferenças, assunto relevante a ser trabalhado com as

crianças, principalmente nas séries iniciais do Ensino Fundamental, onde percebo muitos conflitos advindos da dificuldade de lidar com o outro dentro do grupo.

Para a realização dessa primeira prática, anteriormente à contação de histórias, aguacei a curiosidade dos estudantes, dizendo que iria contar a história de duas lindas borboletas que viviam em um jardim; não mostrei o livro, apenas falei o que iria acontecer na próxima aula. Perguntei se conheciam borboletas e se as achavam bonitas.

A maioria respondeu que sim e que elas eram bonitas e coloridas. Uma criança perguntou: por que as borboletas não apareciam na escola? Respondi que elas gostam de flores, jardins e, como a escola era muito grande (no caso, o espaço físico), talvez não tivéssemos observado se as borboletas apareciam ou não. E quando disse que iria acontecer uma contação de histórias, as crianças ficaram ansiosas para o dia da atividade.

Essa história se passa em um reino colorido e cheio de flores, tudo muito lindo para cheirar e ver, mas quem mora ali não pode se conhecer... Será que as cores diferentes das borboletas podem separá-las? Para ministrar a contação de histórias, usei como recurso borboletas feitas de EVA⁸ e criei fantoches (cor azul, Romeu, e cor amarela, Julieta), utilizando ainda o EVA para recriar o jardim de flores.

A minha intenção foi montar o cenário no quadro branco, e as crianças ficariam de frente para mim. Mas a fita não conseguiu fixar as flores que faziam parte do jardim; precisei rapidamente mudar a minha estratégia: usei a parede do fundo da sala e, apesar de ser um espaço menor do que o quadro, consegui organizar o cenário.

Nesse dia, contei com a ajuda de uma professora, que fez o registro das imagens, além de ficar com as crianças em outro espaço da escola para que eu pudesse organizar o local. Coloquei as carteiras na lateral da sala para que as crianças se sentassem em círculo, já que eu tinha a intenção de andar pela sala no momento da encenação.

Também nessa ocasião, coloquei uma tiara no cabelo com flores para representar o jardim. As crianças entraram e se sentaram em círculo no chão. Percebi que ficavam o tempo todo olhando o cenário, falando das cores das flores, contando as flores na parede.

⁸ EVA em português é a sigla de acetato-vinilo de etileno, que deriva do inglês: Ethylene Vinyl Acetate ou etileno acetato de vinila. Material bastante utilizado para atividades de decoração e cenário de apresentações na escola.

Após todos se acomodarem, comecei a cantar com eles uma música. “Toc, toc” é uma canção com a seguinte letra: “Acaba de chegar, conte até três para a história começar...” (autor desconhecido). Considero trazer a música para valorizar a contação de histórias, já que as crianças dessa faixa etária gostam de movimentar o corpo com a música e esse parece ser um recurso pedagógico privilegiado. Sinto que inserir a música agrega valor ao momento de contar histórias. Logo após cantar a música, comecei a contar a história, explorando o espaço da sala movimentando os fantoches, pois borboletas voam para vários lugares... Trabalhei com a expressividade do corpo e a entonação da voz.

No decorrer da história, as crianças prestavam atenção em cada detalhe da apresentação e, no final, bateram palmas. Para elas, a contação de histórias foi um espetáculo. Todas as crianças queriam participar da atividade e dizer algo importante sobre a história; nesse momento pedi que cada uma falasse respeitando a sua vez. Comecei perguntando: “O que vocês entenderam sobre a história contada?”. Uma criança levantou a mão e respondeu: “Tia, somos todos iguais, mesmo que o nosso cabelo e nossa pele sejam diferentes”.

A resposta da criança fez muito sentido para mim, porque o livro aborda o preconceito sobre as diferenças de forma lúdica. Como já disse anteriormente, a utilização da contação de histórias como recurso didático e utilizando-se de ferramentas estéticas é pouco valorizada nessa etapa da educação básica (1º ao 5º ano do Ensino Fundamental). A grande maioria dos professores opta por contar a história utilizando somente a leitura do livro.

A duração dessa ação foi de cerca de 50 minutos, incluindo a fala das crianças após o término da exploração da história. Percebi a imediata participação dos estudantes e como eles conseguem interagir com esse momento de ludicidade, justificando a minha opção de utilizar a contação de histórias de uma forma diferenciada em sala de aula. Percebi que o emprego de aspectos artísticos favoreceu minha aproximação do grupo.

No dia posterior, para concluir o trabalho, entreguei uma folha com o desenho de uma borboleta para que os estudantes colorissem, escolhendo a personagem, Romeu ou Julieta, e escrevessem uma frase sobre a história para que fizéssemos uma exposição do trabalho na sala de aula. A opção de entregar o desenho pronto foi devido à questão do tempo das aulas, mas mesmo com o desenho pronto as crianças ficaram à vontade para colorir e personalizar sua borboleta. Compreendo, hoje, que a prática de entregar um desenho pronto para criança deixa de oportunizar

o processo de criação, entretanto na minha rotina pedagógica essa forma de atividade é considerada quase como um piloto automático, trabalhar com desenhos prontos tem um objetivo proposto a ser alcançado com aquela atividade. Acredito que desenhar e colorir propiciam o contato com a arte e seus significados, além de ser uma forma de expressividade da criança, instigando sua criatividade e imaginação.

Figura 1: Cenário da história: Romeu e Julieta.



Fonte: as próprias autoras (2019).

Figura 2: Momento de contar a história.



Fonte: as próprias autoras (2019).

Figura 3: O encontro das borboletas Romeu e Julieta.



Fonte: as próprias autoras (2019).

Figura 4: O amigo ventinho.



Fonte: as próprias autoras (2019).

Na segunda aula prática, trabalhei o livro de história, também da autora Ruth Rocha, chamado “Reizinho Mandão”. A obra trata do tema democracia e liberdade como bens difíceis de serem conquistados, pois sempre haverá reis ou governantes autoritários que vão ignorar a necessidade de um povo. Será que democracia é assunto para crianças? Inquietou-me muito esse assunto, porque os alunos dessa faixa etária vivem muitos conflitos de pensamentos e valores, por isso vejo a importância de abordar temas que proporcionem reflexões e diálogos sobre situações ocorridas em sala de aula. Ressalto que a escola também é um espaço social e político, onde se deve debater e dialogar sobre temas que vão contribuir para a formação de uma cidadania plena.

Para contar a história, fiz um reizinho de EVA em forma de avental, pois o Reizinho Mandão é a personagem principal. Anteriormente à contação da história, levei uma imagem de uma criança com o semblante de surpresa e a imagem de uma coroa; coloquei ambas fixadas no quadro e lancei as seguintes perguntas: “O que vocês estão vendo? O que será que vai acontecer amanhã? Será uma nova história?”. Então, uma menina respondeu: “É a história de uma princesa e um príncipe, e o menino da imagem está surpreso com a história do castelo...”.

Quando apresentei a coroa, a maioria das crianças, nas suas respostas, falaram de uma história de contos de fadas. Observei como é presente a história da princesa e do príncipe, relacionada ao castelo no imaginário da criança devido à figura da coroa.

Assim como já afirmei sobre a contação de histórias, os contos de fadas são histórias pouco utilizadas no Ensino Fundamental, mas presentes no cotidiano do trabalho da Educação Infantil com a proposta de estimular a fantasia e a imaginação. No dia programado para contar a história, havia escolhido o quiosque, por ser um ambiente externo da escola, para desenvolver a prática, mas não foi possível ocupar este espaço externo da escola. Desta forma, resolvi desenvolver a prática dentro da própria sala de aula e nesse momento percebi a importância desse espaço para as crianças: é neste local que elas também vivem e experienciam seus momentos de aprendizagens.

Os estudantes permaneceram sentados em seus lugares enquanto eu organizava o cenário. Eles ficaram curiosos ao verem, em cima da mesa, uma vasilha de plástico e uma colher grande. Para colocar o avental, que estava dentro de uma sacola, eu disse que iria sair só um minuto da sala. Primeiramente, abri a porta bem devagar, entrei com passos lentos e comecei a contar a história; observei, nesse momento, muitas risadas por parte das crianças. A expressividade do meu corpo contribuiu para representar uma criança mimada, fazendo birras, cheia de querer, como era

o personagem, como era o personagem o Reizinho Mandão. Outro aspecto que me pareceu significativo foi a minha escolha de criar o cenário da cozinha, apesar de não fazer parte da narrativa da história. Considerei que os alunos gostam de culinária e do momento de fazer bolo ou outra guloseima e, como o reizinho queria mandar em tudo, resolvi criar a cena onde represento a personagem sendo autoritária com as cozinheiras do castelo. Ao assumir o seu reinado queria determinar ordens para o povo do seu reino, não respeitando a vida de cada um.

Na cena da cozinha, utilizei os utensílios para fazer um bolo imaginário, do jeito que o reizinho queria, não da forma que as cozinheiras sabiam fazer. Ficou claro o quanto ele era mandão e, em consequência de tal comportamento, começou a ficar sozinho. Ninguém queria ficar perto dele e de suas atitudes egoísticas.

Como as crianças já estavam curiosas e agitadas e queriam tocar no avental que simbolizava o reizinho mandão, eu não consegui tirar as fotos, mas elas mesmas tiraram uma *selfie* e pediram para serem o Reizinho. Então, tive a ideia de colocar o avental em cada uma delas e, ao usarem o avental, criaram um slogan: “Sou o reizinho mandão!”.

No momento em que os alunos estavam com o avental, aproveitei para tirar fotos. Na cozinha imaginária, uma das crianças foi o filho do padeiro e representou o momento de fazer um bolo, falando sobre os ingredientes e fazendo gestos, como colocar farinha, ovos, leite, açúcar, fermento, chocolate. O menino ficou muito à vontade sendo um mestre cuca do castelo, como ele mesmo se apresentou para os colegas, e relatou que ele “Não era mandão, apenas estava ajudando as cozinheiras”. Compreendendo essa fala do garoto como parte do seu imaginário.

A prática dessa aula foi diferente do planejamento que eu havia feito, uma vez que as crianças participaram ativamente da história não somente como ouvintes, mas interagindo totalmente naquele espaço. Logo após a participação delas, pedi que retornassem aos seus lugares para conversarmos um pouco sobre a história que contei. Iniciei com o questionamento: “Vocês acham que o Reizinho foi correto nas suas atitudes?”. A maioria das crianças disse que não; uma criança levantou a mão e afirmou que ele era egoísta, que só pensava nele mesmo e que devemos pensar em todos.

Portanto, essa história mostra a importância do respeito aos direitos de cada um, que não devemos ser egoístas, pensando somente em nós mesmos e querendo que tudo aconteça em torno

do nosso interesse. Principalmente nessa faixa etária, em que as crianças estão em processo de formação nos aspectos emocionais e sociais.

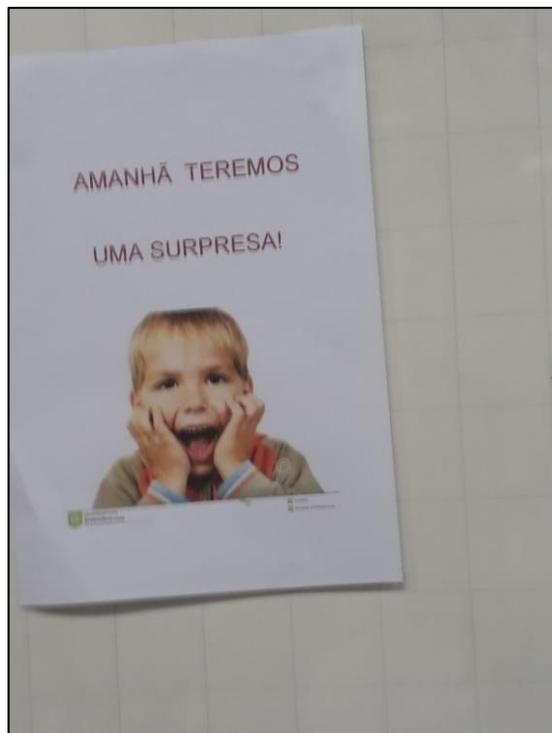
Para concluir a atividade, usei como recurso o desenho e cada criança podia desenhar a cena de que mais gostou da história. O desenhar e o colorir propiciam a representação gráfica de suas experiências, ou seja, possibilitam construir a representação de forma e espaço através do desenho. O desenho está intimamente ligado com o desenvolvimento da escrita. Segundo Vygotsky (2018, p. 21-22), “A imaginação não é um divertimento ocioso da mente, uma atividade suspensa no ar, mas uma função vital necessária”. Sabemos o quanto as crianças utilizam a sua imaginação ao desenhar.

Desenhar é um ato inteligente de representação que coloca forma e sentido ao pensamento e ao conteúdo que foi assimilado. O desenho é uma ferramenta essencial ao processo de desenvolvimento da criança e não deve ser entendido como uma atividade complementar ou de divertimento, mas como uma atividade funcional. A criança enquanto desenha se apropria de novos conhecimentos e saberes sociais, históricos e culturais. Para ela, o processo de desenhar é como o ato de brincar.

O desenho tem um enfoque ligado a interação histórica, social e cultural. Ao falar de desenho, direciona-se diretamente nessa abordagem como afirma Iavelberg (2008) sobre a teoria de Vygotsky:

As ideias de Vygotsky colaboram com a compreensão das relações entre desenvolvimento e aprendizagem nos contatos interativos entre pares de níveis diferentes e objetos socioculturais⁶. Hoje é possível entender que o desenho faz parte das aprendizagens tanto sociais quanto culturais, mediadas por informantes ou fontes de informação. (IAVELBERG, 2008, p. 23)

Figura 5: Momento de instigar as crianças.



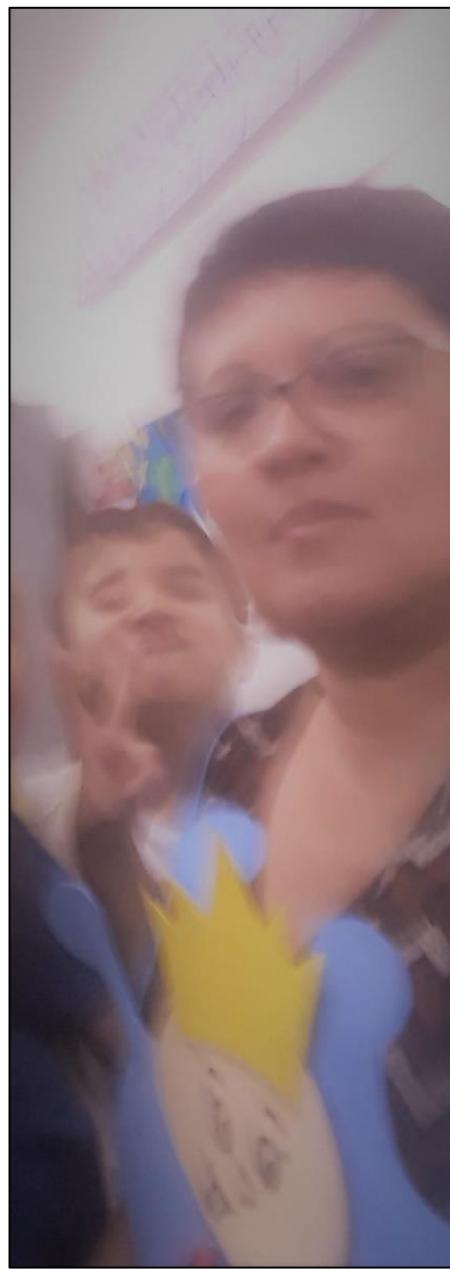
Fonte: as próprias autoras (2019).

Figura 6: O que significa essa imagem?



Fonte: as próprias autoras (2019).

Figura 7: *Selfie* com as crianças após a contação de histórias: “Reizinho Mandão”.



Fonte: as próprias autoras (2019).

Figura 8: O momento de viver o personagem.



Fonte: as próprias autoras (2019).

Figura 9: Desenho da parte de que a criança mais gostou da história.



Fonte: as próprias autoras (2019).

Nas ações desenvolvidas, eu me preocupei em trazer recursos cênicos como elementos de apreciação estética e com um conjunto de significados. Fiquei atenta no decorrer das aulas

ministradas à intenção, ao ritmo e à técnica, pois esses elementos são relevantes para aprender e compreender sobre a arte de narrar histórias.

É pertinente relatar sobre o processo da afetividade no ato de contar histórias como elemento enriquecedor da minha prática: ao analisar esse processo de afetividade, percebi o quanto as crianças gostam de interagir com as histórias por meio do afeto, do saber ouvir, pois são sensações de prazer que as histórias lhes causam. E esses são momentos que favorecem a interação do grupo, enquanto crianças em formação, em desenvolvimento dos aspectos cognitivos e emocionais, melhorando as relações entre elas e criando um ambiente de cumplicidade e respeito, uma vez que as histórias despertam emoções.

Como professora de educação básica, com formação em Pedagogia, tive a oportunidade de aliar as interfaces da arte juntamente com a minha práxis pedagógica. Refleti também sobre a importância de cada história trabalhada e o seu resultado perante as crianças. Utilizei, para finalizar os trabalhos, o desenho livre, arte presente na rotina pedagógica do nosso cotidiano escolar, pelo valor que traz a sua representatividade e significado para as crianças.

Portanto, na escola que atuo como professora a arte tem uma relação com pouco significado dentro do espaço escolar: as aulas são voltadas na sua maioria para as artes visuais, explora-se muito o desenho, existe pouca ligação com as demais linguagens artísticas no momento das aulas práticas. Destaco, ainda, como foi difícil fazer os registros com fotos, por falta de pessoal para auxiliar naquele momento em que nós, professores, vamos desenvolver uma atividade que foge à rotina da sala de aula.

Para elucidar a prática da narrativa, dialogo com Noelly Novaes Coelho, estudiosa da literatura infantil, quem esclarece o significado do narrador. De acordo com Coelho (2000, p. 67) ela, “o narrador é responsável pela enunciação ou pela dinâmica que concretiza a narrativa, isto é, que produz o discurso narrativo”. No decorrer da análise das aulas práticas e dos estudos teóricos realizados, reflito sobre a contribuição que a contação de histórias como uma forma de atravessamento no processo da práxis pedagógica; noto que os elementos artísticos que a permeiam são decisivos para uma aprendizagem significativa, principalmente nas séries iniciais, retomando aquilo que já foi dito anteriormente sobre o sonhar, o imaginar, o teatrar, o cantar como possibilidades reais no contexto escolar.

Nas aulas práticas desenvolvidas com esses alunos, trabalhei elaborando formas de compartilhar a contação a partir do enredo de outros livros como “O macaco Simão” (autora: Malu Gouvêa) e “Bom dia todas as cores” (autora: Ruth Rocha), que não foram detalhados nesse artigo, porque embora os recursos artísticos tenham sido diferenciados em cada proposta realizada, os objetivos alcançados foram bem semelhantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O compartilhamento dessa minha experiência junto às crianças fez florescer em mim o desejo de me aprimorar na prática da contação de histórias e reafirmar a sua contribuição para outros professores que desejam trilhar este caminho. A pesquisa mostrou a importância da linguagem artística na minha práxis pedagógica e o quanto esta linguagem precisa ser mais bem compreendida e difundida no contexto escolar. Algumas dificuldades foram observadas, como o registro das fotos e a montagem cenário, devido à falta de profissionais disponíveis para auxiliar nos momentos de práticas pedagógicas que envolvam um contexto diferenciado do que é usual realizar na sala de aula.

Entretanto, a prática foi rica, importante para minha trajetória profissional, pois graças à oportunidade de estar cursando o mestrado, tive a chance de refletir sobre as minhas inquietações junto à prática de contar histórias. Embora eu já desenvolva este trabalho há bastante tempo, era realizado de maneira intuitiva e sem consciência efetiva de seus resultados. Agora pude realizá-lo de forma diferenciada, por ter tido a oportunidade de aprofundar leituras de autores que acreditam na importância da arte e da literatura infantil. Outro fator essencial para meu aprimoramento foi o diálogo com autores das artes cênicas e visuais na abordagem da contação de histórias, fato que enriqueceu o meu olhar sobre as linguagens artísticas. O atravessamento das artes no contexto escolar é compreendido como uma das formas de expressão de vida, é uma oportunidade de conhecimento, criatividade nos processos cognitivos que permeiam o processo da aprendizagem. Oportuniza novas experiências a serem construídas, como o despertar da sensibilização e vai transformando caminhos que podem ser alcançados pela prática artística.

No decorrer da minha práxis, percebi a importância da oralidade dando um significado diferenciado no momento de contar histórias. A linguagem oral é um dos aspectos mais essenciais

de nossas vidas: é por meio dela que socializamos, construímos conhecimentos, organizamos ideias, pensamentos e experiências, ampliamos nossas possibilidades de conhecimento do mundo e das práticas sociais. A oralidade é o principal instrumento de comunicação, é necessário compreender que a fala é básica na vida, de extrema importância para o ser humano

Posso afirmar que, a partir deste trabalho, as crianças tiveram a oportunidade de viver novas possibilidades de conhecimento e aprendizagem na sala de aula, saindo um pouco da rotina do processo lecto-escrito, tão cobrado nessa etapa da educação básica. Considero até mesmo que as aulas proporcionadas às crianças alcançaram o objetivo de desenvolver as habilidades da imaginação, criatividade, oralidade, ludicidade, afetividade e criticidade.

As habilidades desenvolvidas são imprescindíveis para a formação do estudante nessa faixa etária. Vivenciei um momento especial de cumplicidade em que, graças a essa práxis, foi dada a oportunidade às crianças de exercerem um papel de autonomia diante das histórias contadas com a finalidade de mostrar que cada história tem o seu significado, a sua contribuição social e política.

Diante dessa minha reflexão, percebo que a contação de histórias não pode ser utilizada em sala de aula como algo vazio de objetivos, pois existe nessa prática diversas oportunidades de construir o conhecimento com o aluno. Possibilita vivenciar novas experiências, ajudando-o a refletir e resolver conflitos internos, com o intuito de se divertir, encantar e, ao mesmo tempo, contribuir para o amadurecimento psicológico no período da infância.

Com a presença da ludicidade nas aulas, as crianças tiveram a oportunidade de interagirem, de conviverem com estratégias de aprendizagens diferentes da sua rotina pedagógica. Algo que refletiu positivamente na socialização, na criatividade, na imaginação, na conquista de novas habilidades que tornaram a aprendizagem significativa ao mesmo em que proporciona sua formação intelectual e social.

REFERÊNCIAS:

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil:** Gostosuras e bobices. 5^a ed. São Paulo: Scipione, 2009.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; Mahoney, Abigail Alvarenga (orgs). **Afetividade e aprendizagem:** contribuições de Henri Wallon. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família.** Tradução de Dora Flakiman. 2^a ed. Rio de Janeiro: LTC, 2018.

BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política, ensaio sobre a literatura e história da cultura.** 6^aed. São Paulo: Braziliense, 1996.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no séc. XXI: Tradição e ciberespaço.** Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar:** pequenos segredos da narrativa.8^aed, Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise do conto de fadas.** Tradução: Arlene Caetano. 35^a ed. Rio de Janeiro e São Paulo: Paz e Terra, 2018.

BRASIL. **Constituição Federativa do Brasil.** Promulgada em 5 de outubro de 1988. 4^aed. São Paulo: Saraiva, 1990.

COELHO, Nelly Novais. **Literatura Infantil:** teoria, analise, didática. 1^a ed. São Paulo: Moderna, 2000.

DUARTE JÚNIOR, João- Francisco. **O Sentido dos sentidos: a educação (do) sensível.** 3^a ed. Curitiba: Criar, 2004.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 15^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. **Pedagogia do Oprimido,** 17^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **A escola e o professor:** Paulo Freire e a paixão de ensinar. São Paulo: Publisher, 2007.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon:** uma concepção dialética do desenvolvimento infantil, 9^a edição, Petrópolis, Rio de Janeiro, 1995.

IAVELBERG, Rosa. **O desenho cultivado na criança:** prática e formação de educadores. Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

MACHADO, Regina. **Acordais:** fundamentos teórico-práticos da arte de contar histórias. São Paulo: DCL, 2004.

MARCHAND, Max. **A afetividade do educador.** (Tradução Maria Lúcia Spedo Hildorf Barbantini e Antonieta Barini; direção da coleção Fanny Abramovich), 5^a ed. São Paulo: Summus, 1985.

MENDES, Daniela Barros. **Memórias afetivas:** a constituição do professor na perspectiva de Henri Wallon. São Paulo: Edições Loyola, 2017.

MORAN, José Manuel; MASSETTO, Marcos T; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** 9^a ed. São Paulo: Papirus, 2011.

MORIN, Edgar. O verdadeiro papel da educação. **Revista Prosa, Verso e Arte.** Disponível em: <<https://www.revistaprosaversoarte.com/o-verdadeiro-papel-da-educacao-edgar-morin/>>. Acesso em: 04 mar.2020

PIAGET, Jean, **A representação do mundo na criança:** com o concurso de onze colaboradores/ Jean Piaget: [tradução Adail Ubirajara Social (colaboração de Maria Stela Gonçalves)] -Aparecida, SP: Ideias& Letras, 2005.

PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, [Pyschologie et Pedagogie,1969].

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias.** Goiânia, GO: Seduc-GO, 2005. Acesso em: 02 mai. 2019.

SISTO, Celso. **Textos & pretextos sobre a arte de contar histórias.** 3^a ed. rev. e ampl. Belo Horizonte, MG: Aletria, 2012.

SOUZA, de Junqueira Renata. (Org.). **A Arte narrative na infância:** prática para o Teatro de leitura e Contação de Histórias. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2015.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro.** (p. 04 a 15) [.Tradução de Ingrid Dormien Koudela, Eduardo de Almeida Amos]. São Paulo: Perspectiva: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1979.

THIOLLENT, Michael. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez,1996.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais:** a pesquisa qualitativa na educação. São Paulo: Cortez, 1996.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **A formação social da mente.** 7^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Imaginação e criação na infância:** ensaio psicológico para professores. Tradução e revisão técnica Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. 1^a ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** 112^a ed. Revista atualizada e ampliada. São Paulo: Global, 2003.